

# A EAD E A FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM SEGURANÇA DO TRABALHO DO IFCE: A IMAGEM DO REAL

NEIDIMAR LOPES MATIAS DE PAULA, CASSANDRA RIBEIRO JOYE

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)  
<neidimar@ifce.edu.br>, <projetos.cassandra@gmail.com>

**Resumo.** A Educação a Distância, modelo de ensino presente, hoje, no mundo inteiro, tem como característica essencial a mediação professor-aluno-conteúdo por meio de alguma tecnologia e, por essa razão, distingue-se do ensino presencial clássico. O presente texto configura-se como um recorte da dissertação de Mestrado em Educação Brasileira pela UFC em abril de 2014 e tem como objetivo apresentar a percepção dos alunos, professores e tutores do Curso Técnico em Segurança do Trabalho do IFCE sobre a modalidade EaD, confrontando essa percepção com os autores consultados ao longo da pesquisa. Methodologicamente, assume a forma de Estudo de caso com abordagem qualitativa, cuja coleta de dados se deu por meio das técnicas de observação participante, questionário, análise documental e entrevista. Os sujeitos pesquisados foram: sete alunos, cinco tutores, três professores e o coordenador Geral do Curso Técnico em Segurança do Trabalho do IFCE. Os resultados apontam que a visão dos sujeitos pesquisados é coerente com a realidade do curso ora investigado. Concluímos que se faz necessária a implementação de Planejamentos coletivos, momentos de formação continuada para Professores e Tutores, onde possa haver a troca de conhecimentos e a reflexão coletiva sobre as diversas nuances que perpassam a Educação a Distância.

**Palavras-chaves:** Educação a Distância. Ensino e aprendizagem. Tecnologias da Informação e Comunicação.

**Abstract.** The distance education model of this teaching today, worldwide, is essentially characterized by the mediation teacher-student-content through any technology and, therefore, differs from the classical classroom teaching. This text appears as an excerpt of the dissertation of Master of Education by Brazilian UFC in April 2014 and aims to present the perceptions of students, teachers and tutors of the Technical Course in Occupational Safety IFCE on the DL mode, confronting this perception with the authors consulted during the research. Methodologically, takes the form of case study with a qualitative approach, which data collection was through the techniques of participant observation, questionnaire, records and interviews. The subjects studied were: seven students, five tutors, three professors and General Coordinator of the Technical Course in Occupational Safety from IFCE. The results show that the vision of the surveyed subjects is consistent with the reality of course now investigated. We conclude that it is necessary to implement collective Planning, moments of continuing education for teachers and tutors, where there might be an exchange of knowledge and collective reflection on the various nuances that pervades Distance Education.

**Keywords:** Distance Education. Teaching and learning. Information Technologies and Communication.

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação a Distância, modelo de ensino presente, hoje, no mundo inteiro, tem como característica essencial a mediação professor-aluno-conteúdo por meio de alguma tecnologia e, por essa razão, distingue-se do ensino presencial clássico.

A EaD foi, durante muito tempo, vista como forma de preparar mão de obra rápida e barata. Porém, diante

das rápidas mudanças do mundo midiático e globalizado, tal como o é hoje, passou a ser vista como uma forma de atender aos anseios de mercado advindos do desenvolvimento tecnológico, sobretudo, no que se refere à qualificação do trabalhador contemporâneo.

Com efeito, podemos dizer que a expansão da EaD ocorre efetivamente na segunda metade do século XX quando surge também a internet. A preoccupa-

ção, que antes era voltada para o aspecto quantitativo, agora, volta-se para as noções de qualidade, flexibilidade, liberdade e crítica, desenvolvendo-se, simultaneamente em muitos lugares (NUNES, 2009). Entretanto, as diferentes concepções dessa modalidade de ensino associam-se tanto ao tipo de tecnologia utilizado como à visão de educação que os gestores dos diversos sistemas conferem aos seus modelos (DAVID, 2010, p. 28).

Nesse esteio, apresentamos o presente estudo, configurando-o como um recorte de uma pesquisa mais ampla para o curso de Mestrado em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará, concluído em abril de 2014. Para esta construção tomamos como questão norteadora a seguinte pergunta: Como os sujeitos envolvidos na Educação profissional do curso Técnico em Segurança do Trabalho do IFCE percebem o processo de ensino e aprendizagem na modalidade a Distância?

Desse modo, o objetivo desse texto é apresentar a percepção dos alunos, professores e tutores do Curso Técnico em Segurança do Trabalho do IFCE sobre a modalidade EaD, confrontando essa percepção com a os autores consultados ao longo das investigações.

No desdobramento do presente texto trazemos uma breve fundamentação teórica da qual nos valemos para construirmos as análises sobre o tema desse artigo. Apresentamos, em seguida, a metodologia usada para as investigações ao longo da pesquisa, acompanhada dos resultados obtidos, nos quais apresentamos a voz dos sujeitos pesquisados, além de alguns encaminhamentos que são propostos nas considerações finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO

Antes de apresentarmos os achados da pesquisa, convém uma rápida explanação sobre as definições de EaD, encontradas ao longo dos estudos bibliográficos realizados para dar sustentação teórica ao trabalho empírico.

Silva (2009) resume as concepções dos autores por ela pesquisados, em sua tese de doutorado, em duas linhas, que, segundo a mesma, são “claramente identificáveis: uma tradicional e a outra progressista”. (p.20). A autora aponta como característica da EaD numa concepção tradicional, dentre outras: a separação físico-temporal entre alunos e tutores, a ausência de comunicação contínua e imediata entre tutor e alunos e entre alunos e alunos.

David (2010) também comprehende a EaD sob essas duas perspectivas: tradicional e progressista, denominando esta última também de sociointeracionista, por entender que nela se encontra o conceito de interação, tão valorizado pelos estudiosos dessa área nos dias atuais.

Na concepção tradicional, a EaD era vista como a modalidade de ensino marcada essencialmente pela separação física entre o professor e o aluno e pela utilização de recursos técnicos que tinham como finalidade principal a reprodução dos materiais didáticos. Isso ocorreu do final do século XIX até meados do século XX.

Nessa concepção, a relação entre o professor e o aluno era controlada por regras técnicas em detrimento das normas sociais, o conhecimento das necessidades dos estudantes e praticamente não existia e os objetivos educacionais eram alcançados com base na eficiência dos recursos e não na interação entre os sujeitos envolvidos no processo (DAVID, 2010, p. 28).

Na segunda metade do século XX, a EaD foi marcada pelo modelo fordista de gestão e algumas características desse modelo passaram a fazer parte do então ensino a Distância da época, voltado para a requalificação profissional. Segundo David (2010), entre as principais características do modelo fordista de educação estavam: a padronização de programas e cursos; produção de massa; planejamento centralizado; otimização de recursos e uso de tecnologias (p.29). Nessa concepção não se pensava em atendimento personalizado ao aluno, em suas necessidades educativas individuais e o professor tinha como atividade principal a elaboração dos conteúdos que seriam estudados no curso.

A concepção progressista, opondo-se a tudo isso, fundamenta-se em uma visão diferenciada, no que se refere ao papel do aluno e do professor. Ao aluno, incentiva-se o exercício da autonomia e ao professor cabe o papel de oferecer ao aluno o suporte necessário para que este venha a construir seu conhecimento. Há entre esses dois sujeitos uma espécie de parceria, uma relação de troca que favorece a aprendizagem.

Valendo-se da evolução conceitual apresentada por Silva (2009) adotamos como definição a última atualização de Moore e Kearsley (2007), que entendem a EaD como uma modalidade de ensino em que o aprendizado normalmente ocorre em lugar distinto do local de ensino e que requer técnicas específicas para o ensino e para a criação do curso, utilizando várias tecnologias no processo de comunicação, bem como utilizando medidas organizacionais e administrativas especiais (MORE; KEARSLEY, 2007, p. 2), de modo que, com o uso dessas diferentes tecnologias no processo de ensino, seja assegurado ao aluno o espírito de autonomia, colaboração e a construção coletiva dos conhecimentos a partir da interação entre os diferentes sujeitos nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA).

Sobre os ambientes virtuais de aprendizagem Silva (2009) descreve-os como “sistemas integrados” porque

dispõem de várias ferramentas que possibilitam a interação entre os diferentes agentes na EaD, além de possuírem recursos midiáticos que, entre outras coisas, possibilitam o acesso dos alunos ao conteúdo do curso, permitem ao tutor avaliar e registrar o desempenho dos alunos.

Sobre o desenvolvimento da autonomia, David (2010) afirma que esse processo vem sendo amplamente favorecido com utilização das TIC na EaD, o que possibilita a superação dos limites tempo e espaço e a estruturação de currículos em um formato aberto, não linear, que permitem ao aluno organizar suas estratégias de aprendizagem. A referida autora lembra também que essa autonomia “não extingue a necessidade de interação com os pares e com o professor” (p. 30).

Cardoso (2011) na sua tese de doutorado intitulada “Web 2.0 e Cibercultura: perspectivas comunicacionais para a educação online” também aponta o favorecimento da incorporação das TIC no processo educacional, lembrando que a possibilidade de interação entre os sujeitos e os recursos disponibilizados por essas tecnologias permitem ao professor desenvolver estratégias pedagógicas capazes de formar alunos mais participativos. A referida autora apoiando-se em Almeida, (2003) afirma que o uso das TIC pode proporcionar a produção de conhecimento coletivo e individual, pois o uso de ambientes virtuais pode viabilizar a recursividade, múltiplas interferências, conexões e não se limita à simples transmissão de informações, nem à realização de tarefas pré-estabelecidas (p.38).

Assim, a modalidade EaD vem se disseminando em nosso país sob a força de políticas na área da educação que vêm revestidas do seguinte lema: “democratizar e universalizar o ensino para reduzir o déficit educacional e as desigualdades regionais” (FREITAS, 2013, p. 161). Nessa perspectiva, a LDB 9394/96, no seu artigo 80, estabelece o seguinte: “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a vinculação de programas de ensino a Distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada” (BRASIL, 2011).

A EaD, em especial através da internet, assume nova configuração na qual, novos espaços se constituem em ambientes de aprendizagem. Elementos como trabalho cooperativo, groupwares, listas de discussão, chats e comunidades virtuais possibilitam tanto a produção como a troca de conhecimentos. E nessa dinâmica virtual, tornam-se possíveis diferentes situações de aprendizagem, mesmo sem a presença física dos sujeitos professor/aluno numa sala de aula.

Mercado (2007) afirma que para a EaD acontecer de forma bem exitosa são necessários programas bem definidos, material didático adequado, professores capaci-

tados e comprometidos, bem como meios apropriados para facilitar a interatividade, respeitando a realidade dos alunos a serem atendidos. Conforme o referido autor, os aspectos que contribuem para o sucesso de um curso de EaD online são: Desenho e conteúdo do curso, capacitação dos tutores, planejamento apropriado da interatividade e do trabalho colaborativo por parte do tutor, incorporação de aprendizagem significativa, mapas conceituais e estudo de caso e uso da avaliação formativa e contínua dos alunos através de diferentes meios.

Entretanto, para Mercado (2007), as dificuldades presentes na EaD constituem-se em razões para frustração nos alunos, levando-os, na maioria das vezes, a abandonarem os cursos. Dentre essas dificuldades o autor cita: conteúdos do curso desinteressantes, insuficiente domínio técnico das TIC por parte dos alunos, prática do Professor na EaD online, falta de competência para a tutoria, obstáculos na formação inicial do professor e do tutor online devido à falta de equipamentos e à escassa formação prática na universidade, dificuldades nas interações e trabalhos em grupo, administração do tempo, excesso de conteúdo e custo da impressão de materiais pelos alunos e criação de expectativas irrealistas na EaD.

Embora concordemos com Mercado (2007) na exposição das dificuldades existentes na educação online, também adotamos o pensamento de Castro e Damiani (2010), que acreditam que a troca entre professores, alunos e tutores, integrantes de uma Comunidade Virtual de Aprendizagem (CVA), possibilita a socialização e a integração de conhecimentos e a partilha de saberes. Dessa mesma forma, (LÉVY, 1999) concebe o mundo virtual como vetor de inteligência e criação coletivas. Portanto, se concebemos esta afirmação como verdadeira, estamos assumindo a percepção de que a EaD pode também ser um instrumento de aprendizagem coletiva para aqueles que por razões diversas não puderam ou não podem frequentar o ensino presencial.

É importante lembrar que na contemporaneidade estamos presenciando a exacerbada expansão da EaD, voltada especialmente para a formação profissional. A criação de cursos técnicos e tecnológicos constitui-se em possibilidade de definição e ascensão profissional para muitas pessoas. Poderemos perceber isso, a partir das vozes dos sujeitos dessa pesquisa, que serão apontadas no tópico análise dos resultados. A seguir, detalhamos os procedimentos metodológicos.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa que originou o presente texto configurou-se como Estudo de Caso, com abordagem qualitativa. Esta, segundo Bogdan e Biklen (1994), permite uma

## A EAD E A FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM SEGURANÇA DO TRABALHO DO IFCE: A IMAGEM DO REAL

investigação minuciosa do objeto, onde tudo tem potencial para constituir uma pista que nos ajuda a compreender de forma mais aprofundada o objeto investigado.

Centrada no processo educativo, a investigação contou com o uso das técnicas de observação participante, questionário, análise documental e entrevista. Os sujeitos pesquisados foram: sete alunos, cinco tutores, três professores e o coordenador Geral do Curso Técnico em Segurança do Trabalho do IFCE. A pesquisa ocorreu no período de dezembro de 2012 a outubro de 2013.

Após a coleta de dados, os achados foram submetidos à análise de conteúdo, a qual, de acordo com Marconi e Lakatos (2001, p. 29) “leva em consideração as significações (conteúdos), sua forma e a distribuição desses conteúdos e formas”. Vejamos a seguir, como se deu essa análise.

### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antes, porém, vale ressaltar que entendemos a EaD como uma prática que deve constituir-se numa forma de construção coletiva do conhecimento, por meio de metodologias adequadas a essa modalidade, tendo como base o diálogo e a troca de informações entre os sujeitos, cujo desenvolvimento lógico e científico deve ocorrer através da interação e da colaboração de todos nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Defendemos a concepção progressista que busca incentivar ao aluno o exercício da autonomia e ao professor, a capacidade de dar o suporte necessário ao aluno, estabelecendo com este, uma troca de saberes. Tal pensamento converge com o de Belloni (2003) e Silva (2009), entre outros.

Assumindo inteira convicção de que o processo de ensino e aprendizagem na EaD deve pautar-se na ideia de que o principal elemento desse processo é realmente o aluno, ratificamos o nosso entendimento de que a aprendizagem só acontece de modo significativo quando todos os sujeitos envolvidos se dão conta do seu verdadeiro papel e, potencializados pela devida utilização dos recursos tecnológicos disponíveis, conseguem estabelecer uma relação de diálogo, colaboração e muita interação nos diferentes espaços de aprendizagem.

Analisando os resultados dessa categoria junto aos alunos, sistematizamos a visão desses sujeitos em duas perspectivas: uma positiva e outra negativa. Para comparar essas duas perspectivas, apresentamos o Quadro 1.

Conforme exposto no Quadro 1, os alunos percebem inúmeras possibilidades na EaD que favorecem o processo de ensino e aprendizagem àqueles (as) que por algum motivo procuram essa modalidade de ensino. Dentre as percepções que enquadrados como positivas,

**Quadro 1:** Percepções dos alunos sobre o ensino e aprendizagem na EaD.

PERCEPÇÕES DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EAD	
POSITIVAS	NEGATIVAS
Uma oportunidade para quem não tem acesso ao ensino e / ou não dispõe de tempo para frequentar a sala de aula (convenional).	É uma modalidade que ainda não é muito acreditada (pela sociedade)
Uma proposta de solução para a qualificação profissional.	Desenho e conteúdos do curso: Leituras extensas e cansativas; falha na distribuição do conteúdo em algumas disciplinas. Umas apresentam em excesso, outras deveriam ser mais bem detalhadas, com exemplos mais práticos. Necessidade de mais aulas práticas.
Desenvolve a autonomia; Requer mais dedicação e compromisso por parte do aluno.	Alguns tutores não são devidamente preparados, por isso não desenvolvem um bom trabalho.
Dispõe de metodologias que favorecem a interação entre os alunos e a reflexão coletiva. Ex: Fórum com vídeos.	Algumas ferramentas do ambiente virtual não funcionam de modo efetivo. Ex: Fórum tiras-dúvidas.

Fonte: Elaborado pela autora com base na transcrição do grupo focal

uma delas foi veemente destacada pelos alunos: o desenvolvimento da autonomia. Confirmamos esta afirmação com a fala de alguns deles:

Eu também vejo a EAD como uma oportunidade. Ela, desde o início, vai dar autonomia a começar pela interpretação, pois a gente tem que ler sozinho, coisa que a gente não sabe, como a gente tá vendo agora. (...) (Aluno B)

(...) desenvolve muito nos alunos a autossuficiência, (a autonomia - corrigido depois) a questão de vc ler, interpretar e buscar resolver os problemas sem o auxílio do professor na aula, tem como você tirar suas dúvidas, mas desenvolve no sentido de você buscar a resposta. (...) (Aluno D)

Esta percepção dos alunos mantém coerência com os estudos que apontamos no decorrer desse texto, dentre eles o de David (2010) que caracteriza o sujeito autônomo a partir do pensamento de Schlemmer (2005, p. 31).

Ser autônomo é ser sujeito da sua própria educação. (...) Diz-se que um sujeito tem autonomia quanto mais ele tem capacidade de reconhecer suas necessidades de estudo, formular objetivos para o estudo, selecionar conteúdos, organizar estratégias de estudo, buscar e utilizar os materiais necessários, assim como organizar, dirigir, controlar e avaliar o processo de aprendizagem (SCHLEMMER, 2005, apud DAVID, 2010, p. 30).

Da mesma forma, a referência que os alunos fazem à oportunidade de acesso e ao uso de metodologias que

levam à reflexão coletiva e promovem a interação entre os alunos, é consensual para alguns pesquisadores (BELLONI, 2003; MOORE; KEARSLEY, 2007) que analisam essa interação não só entre os alunos, mas também entre aluno e professores/tutores.

Constatamos isso no depoimento abaixo:

Realmente dá oportunidade pra pessoas que não têm tanto acesso aos grandes centros urbanos, aquelas pessoas que moram mais afastadas e que têm dificuldade de frequentar uma universidade ou uma faculdade de forma presencial e o ensino da EAD dá essa oportunidade dessas pessoas poderem cursar algum curso que elas desejam. (ALUNO G)

Referindo-se às percepções consideradas negativas, analisamos o primeiro ponto relacionado à falta de credibilidade na modalidade de ensino a Distância. Segundo o aluno A, se partirmos para o mercado de trabalho portando um certificado com o nome EAD, dificilmente as empresas contratam. O referido aluno faz essa afirmação, porém, ao mesmo tempo pondera o que afirmou dizendo: “Ainda bem que não tem essa expressão no certificado” (Aluno A).

Sentimos na fala desse aluno, o reflexo do preconceito que se instalou na educação brasileira com relação à EAD. Sobre a superação desse preconceito, vale conferir uma matéria publicada na Revista Nova Escola em novembro de 2009, na qual Martins e Moço apontam um dado, segundo eles, curioso (MARTINS; MOÇO, 2009):

Em alguns países da Europa onde a EaD tem tradição e qualidade, além de serem constantemente avaliados pelo governo, os profissionais formados dentro dessa modalidade estão entre os mais disputados. Os motivos são simples. Eles se dedicam mais aos estudos, são autônomos, sabem se organizar melhor, resolvem problemas inesperados com mais agilidade e estão em busca de oportunidades para crescer. (p. 59)

Com relação ao desenho e conteúdos do curso, o pensamento dos alunos converge com o estudo de Mercado (2007). Para esse autor, um erro comum na EAD é disponibilizar em cada semana uma grande quantidade de material para ler (mais de 30 folhas com textos completos e bibliografia complementar por semana). É importante dispor de material de base, pois tem que poder lê-lo e entendê-lo. E poder discutir o que foi lido é mais enriquecedor. É importante oferecer ao estudante leituras pertinentes, atuais, adequadas a seu nível, que levem

em conta a aprendizagem significativa. Essas leituras devem ser bem desenhadas pedagogicamente e não tão extensas (p. 08).

Assim como o autor referido acima, entendemos que textos muito longos ocupam muito tempo do aluno e podem, ocasionalmente, impedir maiores interações com os pares, uma vez que, após a exaustão causada pelas leituras extensas, estes não encontram mais tempo ou mesmo disposição suficiente para os debates no ambiente virtual.

Nas palavras dos alunos abaixo, verificamos uma aproximação com a fala do autor supracitado.

(...) Quanto à questão do material didático, a gente acaba se resumindo muitas vezes a textos, textos e mais textos, Falta assim um enriquecimento maior no próprio material. (ALUNO G)

Tem muitos textos, poderia ter mais vídeo - aulas. (ALUNO B)

Importante frisar que o problema relacionado à quantidade de conteúdos no Sistema e-Tec, ao qual pertence o curso ora investigado, apresenta uma particularidade no tocante à sua forma de produção, que é realizada em nível nacional, diferenciando-se de outros sistemas como a UAB - Universidade Aberta do Brasil - por exemplo. Esta tem a produção do conteúdo em nível local, o que permite mudar ou alterar alguma situação entre uma turma e outra. No Sistema e-Tec, é mais difícil interferir nessa realidade, porque tudo precisa ser pensado, conforme o material que é preparado para todo o país.

Discutindo sobre as dificuldades normalmente encontradas na EaD, os alunos apontam a desqualificação dos tutores como algo que impede uma aprendizagem satisfatória. O aluno C assim se manifesta e os demais concordam balançando afirmativamente suas cabeças.

(...) alguns tutores não são muito bem qualificados pra nos passar o conteúdo. É isso...

Tomando por base a discussão de Mercado (2007):

Um tutor que não tenha clareza do conteúdo, não poderá ter êxito no seu trabalho. A função da tutoria é um dos principais fatores que determinam a qualidade da formação num ambiente virtual de aprendizagem. O papel de orientador e guia por parte do tutor assume um maior protagonismo na educação online e se faz necessária uma formação específica neste campo. (p. 2)

Esse ponto abordado pelo aluno C constitui-se para nós elemento essencial no processo de ensino e aprendizagem na EaD. Entendemos que um tutor, sem a devida preparação para o exercício da função na perspectiva que defendemos essa modalidade nos dias atuais, pode contribuir tanto para a desmotivação do aluno na construção do conhecimento que busca no curso, como até mesmo para a sua evasão. O contrário também pode ocorrer, ou seja, um tutor devidamente capacitado consegue mobilizar seus alunos e torná-los mais ativos e colaborativos no processo de aprendizagem.

Vale ressaltar que durante as nossas observações pudemos perceber que, apesar de todos os tutores do curso serem profissionais Técnicos em Segurança do Trabalho e já terem cursado ou estarem necessariamente cursando uma graduação, isso não lhes garante a habilidade pedagógica necessária para lidar com os conteúdos didáticos. É, pois, nesse aspecto, que julgamos fundamental a formação continuada para esses sujeitos.

Outro ponto levantado pelos alunos está relacionado à eficácia das ferramentas utilizadas nos AVAs. No depoimento do aluno abaixo, percebemos a importância da presença virtual do tutor, assim como a necessidade de atividades bem direcionadas, que levem à reflexão e que, ao mesmo tempo, sejam estimulantes para a interação dos alunos.

Nesta fala, o aluno C faz as seguintes ponderações:

Na minha opinião, Fórum tira-dúvidas não funciona. Por quê? Porque se você tá fazendo um exercício aqui e surgiu uma dúvida, você posta. Quebra seu raciocínio, pois você sabe que vai ter a resposta, talvez, só no dia seguinte. Pelo menos sempre que eu tive dúvida e que postei, nunca recebi a resposta assim de imediato e isso quebra realmente o raciocínio, pois a gente sabe que quando tá resolvendo alguma coisa e surge uma dúvida, a tendência é não querer parar. (...) (ALUNO F)

Com relação ao fórum tira-dúvidas Mercado (2007) adverte para o perigo da ausência do tutor nas respostas que precisam ser dadas. O autor chama isso de “falta de competência para a tutoria online”. Para este pesquisador, o tutor pode ser o elemento provocador da desistência de um curso online, devido às dificuldades de comunicação, falta de estímulo, demora nos feedbacks dos exercícios enviados, pouca/falta de participação do tutor nas ferramentas interativas nos AVA. (p.4)

Em sintonia com Mercado (2007) e autores estudados, constatamos que os alunos não só têm essa percepção, como conseguem expressar com clareza aquilo que certamente contribuiria para uma participação mais

ativa e mais construtiva nos momentos de reflexão e de interação no ambiente.

Com relação à percepção dos tutores, constatamos na fala dos mesmos que o pensamento destes em relação ao processo de ensino e aprendizagem na EaD, muito se assemelha ao dos alunos. Dos cinco tutores pesquisados, apenas um deles estabeleceu uma diferença na eficácia dessa modalidade entre as áreas humanas e exatas. Os demais fazem ponderações que convergem com o que já foi afirmado pelos alunos anteriormente, conforme podemos ver nas respostas seguintes:

De grande valia na evolução educacional.  
(TUTOR 1)

Considero um grande avanço social a oportunidade oferecida às pessoas mais distantes dos grandes centros urbanos e capitais de conseguirem profissionalizarem-se, mas ao mesmo tempo, considero que o ensino a Distância ainda deixa muito a desejar na qualidade, tanto de materiais pedagógicos quanto na qualificação de boa parte dos profissionais que trabalham na área e na modalidade. (TUTOR 2)

Em algumas áreas, como as humanas, é de extrema valia havendo sucesso nesse quesito. Já em outras, como as exatas, a forma de ensinar e aprender é muito mais difícil. (TUTOR 5)

O Tutor 1 apresenta uma opinião genérica, da qual não pudemos inferir nada mais que uma visão positiva deste em relação à contribuição da EaD na evolução do processo educativo como um todo. Por sua vez, o Tutor 2 comunga da opinião dos alunos quando menciona a questão da oportunidade para aqueles que têm dificuldade de acesso à educação e/ou qualificação profissional como algo positivo desse processo e, ao mesmo tempo chama a atenção para a necessidade de melhoria na qualidade tanto de materiais como na seleção e qualificação dos profissionais que atuam nessa área, pontos que também foram apontados pelos alunos.

Por outro lado, o Tutor 2, ao enfatizar a necessidade de formação para os profissionais da EaD, leva-nos a pensar na existência de dificuldades no processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade que estão diretamente relacionadas à questão da formação/qualificação profissional.

A forma como o Tutor 5 se expressa também nos chamou a atenção, pois, ao mesmo tempo, em que reconhece o valor desse processo nas ciências humanas,

afirma que nas exatas ele é muito mais difícil. Inferimos esta percepção também num momento de fala do aluno F, quando afirma que “(...) tem disciplinas que precisam de mais aulas presenciais, disciplinas de cálculo, por exemplo; já tem outras que não precisam tanto”. Isso nos reforça o pensamento de que há realmente a necessidade de oferecer formações pedagógicas, sobretudo, aos tutores e professores que atuam mais diretamente nesse processo. Sabemos que a modalidade exige tanto estratégias como metodologias específicas, portanto, sem a devida competência tecnológica e pedagógica, os resultados serão sempre insatisfatórios.

Um dado curioso para nós nas respostas dos tutores foi a ausência da menção ao desenvolvimento da autonomia ou algo semelhante. Diferentemente destes, a maioria dos alunos apontaram essa característica do processo de ensino e aprendizagem na EaD. O fato de ser o tutor a pessoa mais próxima do aluno virtual nos leva a pensar que este tem uma visão mais ampliada do desempenho desse aluno e do processo como um todo. No entanto, não constatamos isso em suas respostas. Por que então não citam essa autonomia nas suas falas? Será que não percebem isso nos alunos?

Junto aos **professores**, as respostas foram um pouco genéricas. Vejamos:

O processo de ensino e aprendizagem na educação a Distância deixa a desejar. (Prof. 1)

O processo de ensino e aprendizagem na educação a Distância é bom, mas é preciso que a política não interfira nesse processo. (Prof. 2)

É um processo que exige muita dedicação da parte do aluno, pois é preciso tanto tempo para estudar quanto no ensino presencial. A diferença é que na EaD o aluno administra esse tempo a seu modo., ou seja, ele tem a liberdade de organizar seus momentos de estudo conforme sua conveniência. (Prof. 3)

Verificamos na fala dos professores 1 e 2 certa aproximação com o pensamento de alguns alunos e tutores. No entanto, suas respostas não nos permitiram fazer inferências mais direcionadas, uma vez que suas falas apresentam-se de forma bastante restrita, possibilitando-nos apenas a percepção de que há insatisfações ou até mesmo descrédito desses professores com relação ao sistema de EaD. Já o Prof. 3 aponta com clareza sua percepção sobre o processo de ensino e aprendizagem na EaD e embora não se refira literalmente à construção da autonomia, sua fala sugere esse entendimento.

Entretanto, não percebemos nos depoimentos dos professores, praticamente aproximação alguma com as palavras de Mores (2011, p. 58), afirmindo-nos que esta é uma proposta interativa de ensino e aprendizagem na qual diferentes sujeitos são desafiados a construir conhecimentos que respondam às necessidades individuais e coletivas.

Por fim, vale ressaltar que a visão dos sujeitos pesquisados apesar de alguns restringirem a expressão escrita de seu pensamento, sobretudo, os professores, não nos parece incoerente com a realidade que encontramos no curso ora investigado. Ao mesmo tempo em que ouvimos muitos depoimentos positivos, também tomamos conhecimento dos desafios que a instituição enfrenta para buscar e garantir a qualidade que deseja para o curso em análise.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa realizada para a construção do texto de Dissertação de Mestrado que deu origem a este artigo, o processo de ensino e aprendizagem na EaD, constituiu-se como uma importante categoria de estudo. Após, minuciosa análise dos dados coletados, pudemos confirmar que, dentre os sujeitos pesquisados, os professores são mais reticentes em sua opinião sobre esse processo, porém, a visão dos alunos e tutores é bastante aproximada.

Coadunam-se, entre eles, as ideias de que na EAD há a possibilidade de um maior número de pessoas terem acesso ao conhecimento e que dispõe de metodologias que favorecem a interação e a reflexão coletiva. Para os alunos, a característica mais marcante é o desenvolvimento da autonomia, fator que não conseguimos perceber nas respostas dos tutores e dos professores.

Essa constatação, portanto, levou-nos à confirmação de que se faz necessária a implementação de Planejamentos coletivos, momentos de formação continuada para Professores e Tutores, onde possa haver a troca de conhecimentos e a reflexão coletiva sobre as diversas nuances que perpassam a Educação a Distância, no sentido de buscar uma compreensão contextualizada dos conceitos (epistemológicos, políticos e sociais), bem como das metodologias que se inserem nesta modalidade educativa.

## REFERÊNCIAS

- BELLONI, M. L. *Educação a Distância*. Campinas: Editora Autores Associados, 2003.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora LDA, 1994.

---

A EAD E A FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM SEGURANÇA DO TRABALHO DO IFCE: A IMAGEM DO REAL

---

- BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- In: CARNEIRO, M. A. (Ed.). *LDB fácil: leitura crítica - compreensiva, artigo a artigo*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CARDOSO, A. R. C. *Web 2.0 e Cibercultura: Perspectivas comunicacionais para a educação online*. Dissertação (mestrado) — Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2011.
- DAVID, P. B. *Interações contingentes em ambientes virtuais de aprendizagem*. Tese (doutorado) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- FREITAS, M. C. D. Educação a distância. In: ALMEIDA, M. G.; FREITAS, M. C. D. (Ed.). *Virtualização das relações: um desafio da gestão escolar*. Rio de Janeiro: Brasport, 2013. (A escola no século XXI; v.3), 2013.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MARTINS, A. N.; MOÇO, A. Educação a distância: vale a pena entrar nessa? *Revista Nova Escola*, XXIV, n. 227, nov. 2009.
- MERCADO, L. P. L. Dificuldades na educação a distância online. In: *Anais do 13º Congresso Internacional de Educação a Distância*. Curitiba: ABED, 2007. Acesso em : junho de 2013. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200761718PM.pdf>>.
- MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. *Educação a Distância: uma visão integrada*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- MORES, A. *Inovação e cursos de pedagogia EaD: os casos UCS e UFRGS*. Tese (doutorado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- NUNES, I. B. A história da ead no mundo. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Ed.). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- SILVA, A. S. R. *Estudo da relação entre domínio tecnológico, interação e aprendizagem colaborativa na EaD on-line pelo uso de um modelo de equações estruturais*. Tese (doutorado) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.